Reflexões A Ciberbahia pede passagem

Nelson De Luca Pretto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PRETTO, N.D.L. A Ciberbahia pede passagem. In: *Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 109-112. ISBN: 978-85-232-2019-8.
<https://doi.org/10.7476/9788523220198.0016>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

formação para os povos indígenas do Brasil. E por que não? Dos povos indígenas do mundo”.

O desafio foi posto: “Sonhadores e sonhadoras do mundo, uni-vos!”

Publicado no jornal *Terra Magazine*, São Paulo, em 19 de dezembro de 2013.

A Ciberbahia pede passagem

Em sua recente coluna dias atrás, Hermano Viana afirmou em *O Globo* e reproduziu em seu *site* que a Bahia é uma Ciberbahia. Ele não está errado e mostrou porque acha isso. Eu, aqui, quero contribuir para a sua lista de argumentos.

No começo deste mês de fevereiro de 2013, o músico, professor, pesquisador e ativista Messias Bandeira, também conhecido como Messias GB, da banda *Brincando de Deus*, organizou a segunda edição do *Digitália*, evento internacional, misto de festival, congresso, oficinas e muito mais.

O tema central em torno do qual tudo acontece é a Cultura Digital e o embaixador do evento não podia ser outro que não Gilberto Gil. Músico, cantor, compositor, ativista e ex-Ministro da Cultura do Brasil, Gil foi o responsável maior, pela sua liderança, carisma e capacidade de compreender os processos digitais, pelo avanço da onda digital que tomou conta do Brasil nos últimos anos.

Lembro, como se fosse hoje, o ano de 2003, quando, em visita a Brasília, resolvi dar uma passada no Ministério da Cultura de Gil, para dar um alô aos amigos Juca Ferreira, Paulo Miguez e tantos outros que lá estavam. Cheguei e sentei na frente da mesa de Miguez, numa sala precária, em um ministério que não existia e que estava sendo construído devagarinho. Oooppss, devagarinho, não! A mil por hora. Entrava Wally Salamão

(saudades de sua genialidade!), caminhando de um lado para outro, reclamando, perguntando coisas (ele parece que não estava entendendo nada daquele espaço burocrático, querendo fazer misérias e... não pode! não pode!). Pois sentado ali, perguntando a Miguez como as coisas estavam andando, chega Juca – o secretário geral na época – perguntando e demandando coisas, conversando com todas e com todos e, a queima roupa, Miguez me pergunta, olhando para uma listinha escrita em um pedacinho de papel, no cantinho de sua mesa: e o SocInfo? O que vamos fazer? Como a cultura entra nisso?

Opa! Isso merece explicar um pouquinho melhor. Eu participava juntamente com Leonardo Lazarte, na UnB, da coordenação de um dos grupos de trabalho do Programa Sociedade da Informação, capitaneado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia sob o comando (e bote comando nisso! quem viveu lembra!) de Tadao Takahashi. Um programa de governo que envolveu cerca de 150 pessoas, de diversas áreas para pensar a entrada do país da chamada Sociedade da Informação. Foi um trabalho insano e que, na mudança de governo de Fernando Henrique Cardoso para Lula, foi totalmente deixado de lado. O *site* do Programa já não existe mais, nem para memória. O resultado de todo aquele esforço foi a publicação do chamado *Livro Verde da Sociedade da Informação* que, depois de discutido e amadurecido com a sociedade, viraria o livro branco, livro esse que nunca saiu (não confunda com o livro branco da C&T que foi o resultado da Conferência Nacional de C&T).

O MinC no SocInfo reduzia-se a um representante. E nada mais. Aliás, nada de MEC também.

Entrar no prédio do MinC e ver o novo Ministério preocupado com a temática deixou-me perplexo e, mais do que tudo, compreendendo que algo de novo estava por vir.

E veio!

Ao longo dos oito anos do governo Lula, o MinC, sob a batuta de Gil e Juca, de fato, foi protagonista daquilo que passou a ser conhecido como Cultura Digital e tudo mais que a expressão associava. E a Bahia, a lenta Bahia cantada por Caymi em prosa e verso, alucinava e vem alucinando nesse campo, dando razão a Hermano: viva a Ciberbahia!

Somos muitos os ativistas e pesquisadores por aqui e quero aproveitar esse espaço para fazer referências a alguns projetos que vão de vento em popa e que merecem ser acompanhados mais de perto.

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), além do grupo de pesquisa *Audiosfera*, que sob a coordenação de Messias Bandeira organizou o *Digitália*, temos o trabalho da professora Karla Brunet no campo da arte digital, com um magnífico projeto de *Visualização de dados e experimentação artística do mar da Bahia*. Os professores Ivani Santana e Cristiano Figueiró, ambos conhecidos de muitos no campo da videoarte, com seu grupo de pesquisa *Poéticas tecnológicas: corpoaudiovisual*, criado em 2004, primeiro na Escola de Dança e agora no Instituto de Humanidades, Artes e Ciência (IHAC). Ivani Santana também coordena o *Laboratorium Mapa D2*, projeto de arte telemática, realizado entre BA/PB/CE/RJ, cujo objetivo é colaborar no desenvolvimento e qualificação dos artistas e pesquisadores acadêmicos de países de língua portuguesa e espanhola, interessados nas diversas vertentes do campo da dança e da performance com mediação tecnológica. Na Faculdade de Comunicação da UFBA, são nomes referência no Brasil e no mundo os professores André Lemos que, entre outros, tem um belo trabalho denominado *Cibercidades e Ciberpesquisas* e Marcos Palácios, com o grupo de pesquisa *Jornalismo Online*. Na Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Lynn Alves, uma ex-orientanda, faz um genial trabalho estudando e desenvolvendo *games* para educação, liderando importante grupo de pesquisa sobre o tema. Na nova e já implantada Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), uma grande turma atua nesse campo, com destaque para o grupo do professor, pesquisador, ativista e DJ Cláudio Manoel que, junto com Fernando Rabelo, Jarbas Jacome e Willie Marcel, entre outros, mantêm por lá o *Grupo de Estudos e Práticas Laboratoriais em Plataformas e Softwares Livres e Multimeios* (LinkLivre) e promove agora, neste primeiro semestre, o *Reconvexo*, um genial evento no Recôncavo baiano (que nome bom esse *Reconvexo* no Recôncavo, não?!), com o I Festival Nacional de Vídeo-Projeções Mapeadas e Interativas. Além disso, esse grupo vem tocando a pesquisa *Mapeamento Colaborativo do Recôncavo* (MapaRec) e mantém a revista *Reconvexo*.

Essa foi uma pequena degustação do que acontece na nossa CiberBahia. Muito mais coisa está acontecendo no campo da cultura digital e, por isso mesmo, necessário se faz aperfeiçoar esse debate. Primeiro porque não podemos falar em Cultura com esse cê maiúsculo e muito menos sem o esse (s) do plural. O digital permite a proliferação, a criação das redes, redes com muitos pontos, emitindo e não apenas recebendo as informações. Assim, temos a possibilidade de que os conteúdos sejam produzidos e reproduzidos por todos, pelo menos potencialmente porque demandamos uma política de banda larga que supere o que está posto atualmente, seja pelo governo, como pelas lamentáveis operadoras de telefonia, que prometem e não entregam banda.

Mas, proliferando mais ainda as possibilidades de produção e transmissão, será que terá sentido falarmos ainda em culturas digitais? O digital será o normal, o comum e regular e, dessa forma, passaremos a nos referir, nova e simplesmente a culturas.

Na última edição da *Campus Party Brasil*, em um dos debates, acompanhei o irado ciberativista e simpatizante da cultura livre, João Carlos Caribé, bradar indignado com a posição do representante do SindiTeles Brasil (que representa as maiores empresas de Telecom) no debate sobre o Marco Civil e a neutralidade da rede. Depois, em uma postagem no blog *Trezentos*, Caribé complementou o que viu por lá: “O cenário é o pior possível, se a sociedade não acordar e se mobilizar agora iremos certamente perder a Internet e a nossa liberdade!!” E concluiu: “Revolução Digital Já! Todos juntos, todos por uma causa, todos os movimentos pela liberdade!”

Assino embaixo.

Publicado na revista *Terra Magazine*, São Paulo, em fevereiro de 2013.